

PEREGRINATIO AD LOCA INFECTA
(1969)

A SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, ENVIANDO-LHE UM EXEMPLAR DE “PEDRA FILOSOFAL”

DAR AO MUNDO A POESIA

Sofia de Sousa Silva*

O poema de Jorge de Sena dedicado a Sophia de Mello Breyner Andresen se inicia por um verso decassílabo: “Filhos e versos, como os dás ao mundo?”. Nele destaca-se ainda a expressão *dar ao mundo* – em vez de dar a lume ou dar à luz, por exemplo, que permitiriam a preservação da métrica e do ritmo – que não só remete aos versos camonianos da dedicatória a d. Sebastião n’*Os lusíadas* – “Maravilha fatal da nossa idade / Dada ao mundo por Deus, que todo o mande / Pera do mundo a Deus dar parte grande.” (*Lus*, I, 6) –, como põe em relevo, pela sua posição final, a palavra *mundo*, uma das preocupações centrais de Sena, e um dos grandes temas da correspondência entre ele e Sophia, encetada quase uma década mais tarde.

Os versos camonianos celebram um nascimento, o surgir de uma novidade: o reinado de d. Sebastião, “(...) a bem nascida segurança / da Lusitana antiga liberdade”, rei a quem o poeta atribui o papel de “(...) certíssima esperança / De aumento da pequena Cristandade”, concitando-o a tomar as rédeas do próprio reino e prometendo que com isso o jovem d. Sebastião dará matéria “a nunca ouvido canto”.

De algum modo, no poema-dedicatória de Sena (e talvez não por acaso ele evoque outra dedicatória, a do poema épico) celebra-se duplamente o nascimento do novo: por meio dos filhos e dos versos. Sophia havia estreado em livro havia menos de uma década então. Até 1950, data do poema, seus títulos são: *Poesia* (1944), *Dia do mar* (1947) e *Coral* (1950).

Ainda pensando na expressão “dar ao mundo” e na sua aplicação a filhos e versos como obras, parece exaltar-se nela uma função como que natural: a maternidade é decerto uma função afetiva, existencial, cultural, mas também pode ser pensada em seu aspecto ligado à natureza, à biologia. Desse modo, justapondo-se filhos e versos, ambos se tornam produções “naturais” para ela. Sophia tinha então três filhos e três livros publicados.

O segundo verso – “Como na praia te conversam sombras de corais?” – talvez cause estranheza devido à regência pouco habitual do verbo *conversar*. Conversar, como transitivo direto, significa “tratar intimamente, com familiaridade, com amizade”, informa o *Dicionário de verbos e regimes*, de Francisco Fernandes. No poema o sujeito da ação são as sombras de corais. São estas que conversam Sophia, que a tratam com familiaridade.

A raridade dessa regência foi provavelmente o que motivou que numa das edições da antologia da poesia de Sophia, onde esse poema aparece ao lado de um de João Cabral de Melo Neto também dedicado à autora, à guisa de prefácio, o verso apareça transcrito: “Como na praia te conservam sombras de corais?”. Conservar em vez de conversar.

Na indagação sobre a gênese da escrita que é este poema, pergunta-se em seguida: “Como de angústia anoitecer profundo?” A palavra *angústia* aparece em apenas cinco poemas de Sophia: “Catilina”, do livro *Dia do mar*; “Morta”; “Que poema, de entre todos os poemas,”; “Rosto”, os três de *Coral*; e “Profetas falsos vieram em teu nome”, que só seria publicado em 1958, no volume *Mar novo*. Num dos poemas de *Coral*, um verso diz: “Nesta página só há angústia a destruir”. Como se fosse essa transformação do sofrimento em obra um dos motores da escrita, a passagem do informe à forma.

Neste poema de *Peregrinatio ad loca infecta*, nova alusão a Camões é feita no quarto verso (“Como quem se reparte?”), pois é o poeta quinhentista quem, na canção “Junto de um seco, fero e estéril monte”, escreve (conforme a edição de Maria de Lourdes Saraiva): “Aqui, nesta remota, áspera e dura /

parte do mundo, quis que a vida breve / também de si deixasse um breve espaço, / por que ficasse a vida / pelo mundo em pedaços repartida.”

A ideia de repartir-se em versos também evoca o gesto heteronímico de Fernando Pessoa, que parece ecoar ainda nos dois versos finais do poema (“Como quem pode matar-te? / Ou como quem a ti não volta mais?”), onde se trata da experiência da poesia como morte do autor (v. 5) ou como alterização (v. 6), lembrando termos de Manuel Gusmão. Quase profético, o verso de Sena antecipa o poema “Musa”, de *Livro sexto* (1962): “Musa ensina-me o canto / Que me corta a garganta”. E ainda a “Arte poética V”, de *Ilhas* (1989): “A voz sobe os últimos degraus / Oiço a palavra alada impessoal / Que reconheço por não ser já minha.”

Ao lado do poema de João Cabral, “Elogio da usina e de Sophia de Mello Breyner Andresen”, onde se louva o fazer-refazer, este, que mostra a poeta em comunhão com a natureza e transformando a angústia em obra, vem ressaltar um outro aspecto da sua poesia: é trabalho laborioso (fazer-refazer), mas também é escuta do mundo e de si.

* Professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado e doutorado pela PUC-Rio, com tese sobre as obras de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Adília Lopes. Pesquisadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto. Privilegiando os estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea, é membro da rede internacional de pesquisa *Lyra Compoetics*.